



UCRÂNIA / Em rara declaração sobre a crise no leste da Europa, líder russo afirma que os EUA usam a Ucrânia como instrumento para arrastar Moscou ao conflito armado. Premiê britânico visita Kiev e cobra recuo do Kremlin

Putin critica o Ocidente

» RODRIGO CRAVEIRO

Ao receber em Moscou o primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, partiu para a ofensiva contra os Estados Unidos e o Ocidente. Um dia depois de a Casa Branca anunciar a preparação de sanções contra a elite russa e o ciclo íntimo do Kremlin, Putin acusou Washington de usar a Ucrânia como um “instrumento” contra Moscou. “O principal objetivo dos Estados Unidos é conter a Rússia, e a Ucrânia é seu instrumento para nos arrastar para um conflito armado, e nos atingir com as mais duras sanções”, declarou. “Espero que, ao final, encontremos uma solução, apesar de não ser fácil.”

Ainda segundo o líder russo, os Estados Unidos, aparentemente, não estão preocupados com a segurança da Ucrânia. “Sua principal tarefa é conter o desenvolvimento da Rússia. A Ucrânia é uma ferramenta para atingirem essa meta”, acrescentou Putin.

Em um gesto de forte simbolismo político, o primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, desembarcou, ontem, em Kiev, capital da Ucrânia, e fez um apelo a Putin. Ele afirmou ser “vital” que a Rússia dê um “passo atrás” e escolha o caminho da “diplomacia”. Em uma entrevista coletiva ao lado do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, Johnson advertiu sobre o “perigo claro” e “iminente” de uma intervenção militar russa na ex-república soviética.

O chefe de governo britânico advertiu que a Ucrânia retaliará uma agressão e previu um desastre militar e humanitário. “Vemos grande quantidade de tropas concentradas, vemos preparativos para todo tipo de operações, que são coerentes com uma campanha militar iminente. (...) Há 200 mil homens e mulheres armados na Ucrânia. Eles apresentarão uma resistência muito feroz e sangrenta”, alertou.

Em conversa por telefone, o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, pediu ao ministro das Relações Exteriores russo, Sergei Lavrov, “uma desescalada imediata e a retirada de tropas e equipamentos das fronteiras com a Ucrânia”. O chefe da diplomacia do governo Joe Biden alertou que, caso os 100 mil soldados russos estacionados na fronteira ucraniana invadam o país vizinho, o Ocidente reagirá com sanções “rápidas e severas”.

Sergei Pupinsky/AFP



Instrutores militares e civis participam de treinamento de guerra em fábrica abandonada de Kiev, capital ucraniana: táticas de combate

Yuri Kochetkov/AFP



Retórica soviética

De acordo com Petro Burkovskiy, especialista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv, em Kiev, a narrativa usada por Putin de que a Ucrânia é uma “ferramenta do Ocidente contra a Rússia” foi inventada em 2014. “Isso começou quando o Kremlin fracassou em capturar todas as regiões do leste e do oeste que ele pretendia. A mensagem relativamente nova é a de que, depois de se unir à Otan, a Ucrânia tentará

reconquistar a Crimeia com a ajuda dos aliados e de novos armamentos. Trata-se da mesma retórica que a liderança da antiga União Soviética usava para culpar a República Federal da Alemanha de querer reconstruir a República Popular da Alemanha. Os soviéticos controlaram parte da Alemanha entre 1945 e 1990”, explicou ao **Correio**.

Burkovskiy acredita que o discurso do presidente russo é um sinal de que ele não recuará. “Apesar disso, sua posição é tão irrelevante para todos os países



Parece-me que os EUA não estão tão preocupados com a segurança da Ucrânia. Sua principal tarefa é conter o desenvolvimento da Rússia. A Ucrânia é uma ferramenta para atingirem essa meta”

Vladimir Putin, presidente da Rússia

da Europa, para a Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e para os Estados-membros da União Europeia que ela pode apenas consolidar ainda mais as políticas anti-Rússia”, afirmou. “Putin mostra que está desesperadamente buscando uma desculpa para começar a guerra e para expressar a fraqueza entre membros da Otan, sem muito sucesso.”

O ucraniano Maksym Khylo — diretor do Programa de Estudos Russos e Bielorrussos do Conselho de Política Externa

Prisma Ucraniano, em Kiev — concorda que Putin utiliza “acusações falsas” contra a Ucrânia e o Ocidente como uma “desculpa” para forjar uma escalada militar. “Não necessariamente uma invasão total, mas uma ação mais pontual e localizada, mas muito dolorosa e com pesadas baixas”, disse à reportagem. Segundo Khylo, Putin tradicionalmente tem acusado o Ocidente de ignorar os interesses de Moscou. O estudioso avalia que o Kremlin e as cúpulas militar e de segurança mantêm a mentalidade da Guerra Fria. “Eles querem que as nações do Ocidente reconheçam os países vizinhos da Rússia como parte da esfera de influência de Moscou, algo que consideramos inaceitável no século 21”, avalia.

Putin tem dado reiteradas declarações de que o Ocidente busca transformar a Ucrânia em um projeto “anti-Rússia”. “Mas, na verdade, é a política agressiva de Putin que forçou os cidadãos ucranianos a pedirem o apoio do Ocidente para se defenderem da Rússia. Em 2014, tropas russas ocuparam uma parte do meu país quando a Ucrânia era um país neutro e nem sequer almejava a adesão à Otan”, acrescentou Khylo.

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Putin se ‘esquece’ de que a Otan é uma aliança defensiva, que não ataca outros Estados. A exceção foi a ex-Iugoslávia, em 1999, quando Slobodan Milosevic fez uma limpeza étnica no Kosovo contra albaneses. Em 2021, a Ucrânia sediou a cúpula da Plataforma Crimeia, novo fórum que uniu países europeus. As conclusões foram de que a Rússia conquistou a Crimeia violando a lei internacional; e de que a mesma será retomada com pressão diplomática e econômica sobre a Rússia.”

Petro Burkovskiy, especialista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv, em Kiev

Arquivo pessoal



“Putin quer forçar a Ucrânia a concordar a retornar à esfera de influência de Moscou. Mas os ucranianos escolheram o caminho da democracia. Eles querem ser parte da União Europeia e da Otan, não da Rússia autocrata. Sanções ocidentais, bem como o desejo dos militares ucranianos de construir forte resistência, poderiam impedir a escalada russa.”

Maksym Khylo, diretor do Programa de Estudos Russos e Bielorrussos do Conselho de Política Externa Prisma Ucraniano, em Kiev

PALESTINOS

ONG acusa Israel de “apartheid”

Um relatório de 280 páginas elaborado pela organização não governamental Anistia Internacional (AI) acusa Israel de manter uma política de “apartheid” contra o povo palestino e de tratá-lo como “grupo racial inferior”. “As políticas cruéis de segregação, expropriação e exclusão de Israel nesses territórios equivalem claramente a um apartheid”, declarou a secretária-geral da AI, Agnès Callamard, em Jerusalém, logo após a publicação do informe. “Quer vivam em Gaza, em Jerusalém Oriental, no restante da Cisjordânia ou em Israel, os palestinos são tratados com um grupo racial inferior e seus direitos são sistematicamente retirados”, acrescentou.

O chanceler de Israel, Yair Lapid, não poupou críticas ao relatório, “um compilado de mentiras propagadas pelas organizações terroristas”. A Anistia Internacional enumerou a expropriação de terras de palestinos, a negação de nacionalidade, as restrições de

movimento e do direito à participação política, a supressão do desenvolvimento humano, as transações forçadas, a tortura e os assassinatos ilegais como exemplos de apartheid. “Nossas conclusões podem chocar e perturbar — e deveriam”, disse Callamard.

Comprovação

Para Ibrahim Alzeben, embaixador palestino em Brasília, o relatório da Anistia Internacional “identifica e comprova” a prática de um regime de apartheid contra o seu povo. “O documento aponta o que todo mundo vê e denuncia. É claro que, ao se pronunciar, a Anistia aumenta o alcance destas denúncias. Nesse sentido, considero o relatório como imprescindível, importante e contundente. Nós o recebemos como um sucesso de nossa persistente resistência e ação, especialmente a ação política e diplomática de todas as instituições palestinas, de todas as organizações que promovem

a solidariedade para com o nosso povo”, afirmou ao **Correio**.

Segundo o diplomata palestino, a “elite governante israelense” adota a mentira como regra. “Ela acusa os palestinos de terroristas para lhes negar o direito de resistir. Nelson Mandela foi chamado de terrorista, assim como todos os que lutaram contra o colonialismo. Aos olhos de Israel, toda a humanidade é terrorista. Isso inclui a ONU, a Anistia Internacional, as demais organizações de direitos humanos e o Tribunal Penal Internacional, que pretende julgar os dirigentes israelenses por crimes de lesa-humanidade, incluindo o apartheid”, explicou Alzeben.

O embaixador fez um apelo à comunidade internacional: “É hora de agir e garantir liberdade aos palestinos, para que criem seu Estado e vivam em paz”. O **Correio** entrou em contato com a Embaixada de Israel e enviou perguntas ao chefe da missão. Até o fechamento desta edição, não tinha recebido resposta. (RC)

Deslizamento de terra mata 22 e deixa 20 desaparecidos em Quito

Rodrigo Buendia/AFP



Um deslizamento de terra causado pelas chuvas mais intensas das últimas duas décadas em Quito, capital do Equador, deixou ao menos 22 mortos e 20 desaparecidos, na segunda-feira, após a destruição de uma quadra de esportes. Lama e escombros se acumularam ao longo de 1km da Avenida La Gasca, a mais atingida pela enchente

(foto). “Há 22 mortos no necrotério”, disse o prefeito de Quito, Santiago Guarderas, ao relatar também 20 desaparecidos e 47 feridos, dois em estado crítico. A forte chuva que caiu por cerca de 17 horas contínuas na cidade desprendeu uma encosta e causou o deslizamento de terra, que destruiu casas, veículos, postes elétricos e

uma quadra descoberta do bairro onde um grupo jogava vôlei diante de torcedores. “As pessoas estavam jogando lá e não puderam escapar”, disse Freddy Barrios González à agência France-Presse. “Aqueles que conseguiram fugir foram salvos, uma família foi enterrada”, acrescentou o trabalhador de 56 anos, ainda com a roupa enlameada.